

## A quem pertence um patrimônio? Apropriações territoriais e ressignificação de lugar no Pontal da Barra- Pelotas/RS

André Dal Bosco Carletto<sup>1</sup>; Cláudio Baptista Carle<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL- andrecarletto.arqueologia@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEL – cbcarle@yahoo.com.br- Orientador

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de um projeto de pesquisa de mestrado em andamento. Desenvolvido a partir do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas -UFPEL. Este trabalho estuda o Pontal da Barra e suas múltiplas facetas sociais. Localizado na Praia do Laranjal em Pelotas, Rio Grande do Sul, o Pontal da Barra fica no interflúvio da Laguna dos Patos com o Canal São Gonçalo. Além do espaço geográfico, definido por "Ponta de terra que avança pelo mar ou rio" (MICHAELIS), este lugar nomeia o barro que está localizado (PREFEITURA DE PELOTAS - COMGEO).

O local foi posto em voga desde o início de um empreendimento imobiliário, prevendo a urbanização de um loteamento popular, além disso visava a construção de um complexo hoteleiro e ampliação do calçamento e da avenida da orla em direção ao Pontal da Barra. Sendo alvo de sucessivos investimentos desde os anos 80, possui licenças ambientais de diversos órgãos públicos, havendo uma grande investida por volta dos anos 2000 (MILHEIRA, 2015).

Contendo diversas áreas úmidas, regionalmente chamadas de banhados, permanentes e intermitentes, são áreas protegidos por lei como Área de Preservação Permanente (APP). Além disto, há uma biota relacionada com o ambiente estuarino, sendo zona de crustáceos, reprodução de peixes, passagem de aves migratórias, possuindo também mamíferos ameaçados de extinção (NEBEL, 2014). O processo do licenciamento possibilitou o levantamento e cadastro de ao menos 18 cerritos,sítios arqueológicos caracterizados como montículos artificiais de terra.

Devido uma grande empreitada em 1999, com um laudo que embasou o argumento do empreendedor até últimas instâncias, gerando, anos mais tarde, um processo de mudança compulsória dos moradores da chamada Vila do Trapiche, num processo de gentrificação, onde destaca NEBEL (2014:46): "esse processo pode ser definido também como uma "higienização social", ou seja, a substituição de ambientes "vernaculares" por "paisagens de poder", sendo notório um movimento para elitização do local. Os moradores que permaneceram também vivem na constante ameaça de remoção, estando num local vulnerável aos olhos da lei, entre duas áreas de preservação: o banhado e a beira da praia.

Por hora, o Pontal da Barra continua sendo uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) implementada, porém devido a sua não delimitação, ainda não implantada. Os projetos de pesquisa no local tornaram-se inviáveis, devido o mandato de segurança que impede qualquer envolvido das instituições de ensino e pesquisa de entrar no local. Apesar da autorização legal, por motivação política as ações interventivas foram suspensas por hora.

Este trabalho surge após o conflito, visando uma etnografia do lugar e das pessoas. Para pensar tal pesquisa foi utilizada a Arqueologia etnográfica para pensar tanto o espaço em sua materialidade, como as relações sociais e os

significados atribuídos pelos diversos grupos atuantes, cada grupo apresenta diferentes formas de territorialidades.

## 2. METODOLOGIA

Nos anos 60 surgem fortes críticas a Arqueologia e seu enfoque historicista. As datações utilizando o C14 acabaram com tantas questões tradicionais. De tal forma, além de novas questões, também foi necessário novas maneiras de respondê-las, propondo mais análises sincrônicas-antropológicas para a disciplina (BINFORD, 1991:120). Para isso busca-se na etnografia a fonte de modelos.

A partir da chamada "guinada etnográfica" da Arqueologia há uma mudança de pensamento, propiciando de forma multitemporal o registro e análise de contextos sociais diversos, relações políticas e repensar processos comunicativos dos arqueólogos. Envolver a multiplicidade de explicações, identidades, territorialidades, usos e direitos quaisquer que as pessoas possam se relacionar com o patrimônio arqueológico (CASTAÑEDA, 2008; WANDERLEY, 2013).

Surge então uma arqueologia do e pro presente. Pensando as dinâmicas do homem com o mundo material, tendo uma aproximação cada vez maior com a antropologia. Mais que apenas uma ferramenta para embasar o passado, a arqueologia se torna uma forma de se pensar e questionar o presente (SILVA, 2011). A Arqueologia etnográfica é definida como um espaço transcultural para múltiplos encontros, conversações e intervenções, envolvendo pesquisadores de diversas disciplinas e diversos públicos, centrada por materialidades e temporalidades (HAMILAKIS, 2011:399).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da observação participante com entrevistas abertas, pude evidenciar a diversidade de grupos que se relacionam com o lugar. Dentre os moradores, há uma divisão entre os que habitam a orla do canal, e as casas mais no interior. Os primeiros são em grande parte pescadores ou trabalham no comércio de peixes, o que gera a maior parte do trânsito de pessoas e automóveis. Além destes, há o uso do espaço para cerimônias religiosas e os pescadores amadores que costumam ficar na beira da lagoa. Apesar destas divisões, estar um grupo não implica não estar em outro.

Para os moradores da orla do Canal há uma relação muito forte com o ambiente como forma de manter-se. Seus relatos apontam para mais de 30 anos de tentativa de fixar suas residências nesse lugar. "Quase todas as especialidades de pesca supõem tipos de direitos territoriais de uso"(CORDEL, 1989:2), desta forma, morar no Pontal também se tornou uma forma de resistir.

Nas idas a campo pode-se notar problemas recorrentes do espaço da reserva, pois continuam jogando lixo no local. Acerca do empreendimento, curiosamente a população era a favor dele. Diferente de uma idéia naturalista, ou preservacionista que comumente elabora-se, a comunidade demonstrava acreditar que o empreendimento poderia trazer maiores benefícios, como transporte, ou melhor qualidade dos serviços básicos como fornecimento de luz, água ou esgoto.

Tradicionalmente rotulada como uma vila de pescadores, tanto na dissertação de Nebel (2014) como nos relatos, houve uma mudança no ambiente

do Pontal. Com a chegada de água e luz no local desde 2009 e 2011 respectivamente, possibilitou que a vila abarcasse família dos pescadores. Isto indica como o local possui valores que estão se modificando. Na localidade tem aumentado o número dos moradores, controversamente à qualquer preconcepção.

Apesar da Vila do Trapiche ter sido removida, há uma nova moradia no lugar, uma casa de madeira improvisada na beira da Lagoa. A mesma é relatada pelos pescadores amadores como uma possível volta desta vila, tendo começado com uma cabana e hoje além de estar mais edificada com paredes de madeira, o proprietário possui um carro. Nesta mesma via se encontram diversas oferendas religiosas, em geral encontradas perto de árvores maiores.

Ainda na orla do Lagoa se concentram, na maioria das vezes, os pescadores amadores. Em geral, são homens de mais idade que frequentam o lugar desde suas infâncias. Muitos, pelo fato de serem aposentados, frequentam constantemente, mesmo em períodos mais frios, pois no período do verão, com maior temperatura e maior oferta de peixes, há um maior número de visitantes. Dentre estas pessoas formou-se uma rede social, se encontram, conversam, saem todos juntos e disputam informalmente sobre o número de pescados.

O que é notório pelos relatos é como há um distanciamento dos pescadores amadores e dos profissionais. Por um grupo habitar a beira do canal, outros interpretam como uma apropriação indevida de um patrimônio natural. Nisso formam-se duas territorialidades distintas. Ao mesmo tempo, os pescadores profissionais querem manter-se ali, seja por sua substituição, vínculos histórico-sociais e/ou por alegar que o lugar é tranquilo de se viver. O mesmo argumento é contraposto pelo outro grupo, pois se entendem como mais antigos, que aquele espaço qualquer um deveria poder utilizar, que ali é área de preservação e onde não mora ninguém de confiança.

A partir dos estudos de campo, pode-se primeiramente mapear alguns dos atores sociais envolvidos com o lugar. A partir dos relatos, temos acesso a diferentes formas de se entender o Pontal da Barra ao longo do tempo e do espaço. Enquanto para alguns era e é um lugar de lazer, para outros tornou-se o lugar de morada. A identidade com o lugar se estabelece pela memória das diferentes formas de se vivenciar o espaço.

#### 4. CONCLUSÕES

A identidade territorial é transformada em vivências, assim as memórias do lugar o tornam um lugar de memórias (no sentido de Pierre Nora), não necessitando do Estado para legitimar essa prática. Assim é criado um imaginário social do lugar, enquanto um espaço que vai recebendo práticas e significados. "Há uma alquimia entre espaço e memória que permite que o tempo seja capturado e ganhe substância nesse híbrido de solo e significado que se mostra no presente. O território, ou o lugar de memória, permite que ganhe concretude e se torne estável". (PAES, 2009:8)

Pensar sobre a espacialidade contemporânea através da Arqueologia etnográfica visa uma abordagem ambivalente entre o mundo material e o social, pois estes não são distintos. Os lugares possuem sua ação social e a relação entre antropologia e arqueologia tem se mostrado muito frutífera para pensar sobre o tema.

Essa abordagem implica uma mudança da própria ciência que está interagindo, adaptando-se e sendo afeta pela sociedade, pois a prática científica não está, nem nunca esteve fora da prática social. Aceitar isso é o primeiro passo

para uma ciência diferente e socialmente engajada. A Arqueologia pode e deve ser entendida e usada para entender a nossa realidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINFORD, L. R. Uma odisseia arqueológica. In: BINFORD, Lewis R. **Em busca do Passado**. s.l.: Europa-América, pp. 120-136.1991 [1983].
- CORDELL, J. Social Marginality and Sea Tenure in Bahia. In: Cordell, J. (ed.). *A Sea of Small Boats*. 1989
- CASTANEDA, Q. E. The "Ethnographical Turn" in Archaeology: research positioning and reflexivity in Ethnographic Archaeologies. in: CASTANEDA, Q. E. e MATTHEWS, C. N. (org). **Ethnographic Archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices**. AltaMira Press: Lanham MD, 2008. p25-61.
- HAMILAKIS, Y. Archaeological ethnography: a multitemporal meeting ground for archaeology and anthropology. **Annual Review of Anthropology**, 40: 399-414, 2011.
- MILHEIRA, R.G. .Entre o desenvolvimentismo e a preservação do patrimônio. O caso do Pontal da Barra, no sul do Brasil, Pelotas-RS. In: Jenny González Muñoz. (Org.). **Ser de Imagen y de signo. Abordajes sobre el Patrimonio Cultural**. 1ed.Caracas: Fondo Editorial de la Universidad Latinoamericana y del Caribe, 2015
- NEBEL, G.C. S. **CONFLITOS AMBIENTAIS NO PONTAL DA BARRA - PELOTAS/RS - DESDE UMA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA NA EDUCAÇÃOAMBIENTAL**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)- Curso de pós-graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande: 2014.
- PAES, M.T.D. . Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais - um olhar geográfico. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária - diversidade de olhares e experiências brasileiras**. 1ed.Rio de Janeiro, RJ: letra e imagem, 2009, v. 1, p. 162-174
- PONTAL. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua**.Editora Melhoramentos Ltda., 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pontal>> acesso em 23/07/2016.
- PREFEITURA DE PELOTAS - COMGEO. Mapa de ruas. 2006. 1 mapa, color., digital. Escala: 1/25.000. Disponível em:  
[http://www.pelotas.rs.gov.br/politica\\_urbana\\_ambiental/planejamento\\_urbano/mapas\\_municipio/mapa\\_urbano.pdf](http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/mapas_municipio/mapa_urbano.pdf) acesso em 24/07/2016
- SILVA, F. A. **Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material**. Métis: história & Cultura, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 121-139, 2011.
- WANDERLEY, E. C. G. “É pote de parente antigo!” **A relação dos indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os sítios e objetos arqueológicos, Lábrea/AM**. Dissertação (Mestrado em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém: 2013.